

O ESTADO DE S. PAULO

PUBLICAÇÃO DA S.A. O ESTADO DE S. PAULO
Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - CEP
02598-900 São Paulo - SP Caixa Postal 2439
CEP 01060-970-SP - Tel. 3856-2122 (PABX)
Fax Nº (011) 3856-2940

Fundado em 1875
Julio Mesquita (1891-1927)
Julio de Mesquita Filho (1927-1969)
Francisco Mesquita (1927-1969)
Luiz Carlos Mesquita (1952-1970)

José Vieira de Carvalho Mesquita (1959-1988) Américo de Campos (1875-1884)
Julio de Mesquita Neto (1969-1996) Nestor Rangel Pestana (1927-1933)
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita (1959-1997) Plínio Barreto (1927-1958)

As Ciências do Homem num mundo globalizado

* ISABEL LUSTOSA

A Fundação Maison des Sciences de l'Homme (FMSH), em Paris, está em fase de intensa atividade pelas comemorações de seu jubileu. Foi em 4 de janeiro de 1963 que Georges Pompidou, então primeiro-ministro da França, assinou o decreto de sua criação. Se nasceu num tempo de glória para as Ciências Sociais francesas, a FMSH sofreu as consequências do período de declínio das Ciências Sociais francesas, que coincide com a longa noite do domínio das teses neoliberais no mundo.

Afinal, numa ordem em que Margaret Thatcher, seu maior ícone, declarou que não existia essa coisa de sociedade, o que existia eram os indivíduos, não havia mesmo muito lugar para as Ciências Sociais. As grandes manifestações que, neste momento, agitam todo o Continente Europeu parecem indicar o despertar de uma consciência de que aquele individualismo radical favoreceu apenas alguns poucos. Parece indicar, ainda, que é chegada a hora de os trabalhadores empreenderem ações coletivas globais, reorganizando-se em sindicatos internacionais capazes de defender seus direitos diante de empregadores cada dia mais apátridas. Os europeus hoje desempregados têm cada vez mais motivos para se identificar com os trabalhadores da indústria da moda mortos em recente desabamento em Bangladesh. Com a perspectiva da volta à cena principal dos atores coletivos organizados, as Ciências Sociais precisam reinventar-se, e é nesse sentido que a proposta que orientará os debates do jubileu da FMSH é a de pensar seu papel num mundo globalizado.

Idealizador desse projeto, o presidente da FMSH, sociólogo Michel Wieviorka, desenvolveu – nos diversos artigos publicados no site da mesma fundação (<http://www.msh-paris.fr>) – os temas que nortearão as discussões. Diante da globalização dos processos econômicos, a mobilidade em escala mundial, lembra Wieviorka, tornou-se uma realidade e uma necessidade. As modernas tecnologias de comunicação são

amplamente utilizadas pelos migrantes de hoje: eles se conectam. Com isso as subjetividades passaram a ser construídas rapidamente em espaços supranacionais em que a diversidade assume um caráter global. As contribuições culturais e religiosas dos fluxos migratórios vêm se conjugando com as transformações internas das sociedades receptoras para produzir novas identidades em escala planetária.

Por outro lado, o nacionalismo que a atual crise econômica favorece renasce com o desejo de fechamento das nações sobre elas mesmas em sua suposta homogeneidade cultural ou racial e a naturalização de atitudes racistas e de discriminação cultural e religiosa. Amplia-se a

No jubileu da FMSH, Wieviorka convida a debater o papel atual das Ciências Sociais

tendência ao fechamento de grupos de imigrantes em si mesmos, alguns estreitando seus laços por intermédio da religião, particularmente o Islã e o pentecostalismo, cuja expansão atual é notória, até em áreas onde antes não existiam.

O atendimento às demandas dos grupos que se sentem discriminados, no entanto, levanta outras questões. O reconhecimento das diversidades pode ser indiferente às questões de injustiça social ou deve considerá-las? Seria esse reconhecimento um obstáculo no caminho da superação das desigualdades econômicas e sociais? Em que medida as políticas de respeito à diversidade implicam processos de etnicização e racialização da vida coletiva?

Outro tema que vem, cada vez mais, permeando a política, lembra Wieviorka, é a questão ambiental. A consciência das dimensões globais da existência reforça os apelos pelo desenvolvimento sustentável e pela prevenção dos riscos globais relacionados, por exemplo, com a mudança climática. Essa agenda também faz questionar em que medida as políticas de estímulo ao emprego e de aumento de salários estão em conflito com o combate ao consumismo e à necessidade de preservar o planeta para as

gerações que virão.

Entre a lógica da globalização, que desempenha um papel em todo o mundo, e a subjetividade dos atores, as Ciências Sociais sempre tenderam a separar os registros. De um lado, estão os estudos sobre mudanças econômicas, geopolíticas ou estratégicas. De outro, os processos de subjetivação e dessubjetivação por meio dos quais se constrói, se fragmenta e se reconstrói o vínculo social. Neles é que são inventadas formas de ação, individual e coletiva, declinam ou são transformadas as instituições, são desafiadas, destruídas ou modificadas as normas sociais e culturais. O projeto científico atual da FMSH tem como um de seus objetivos integrar esses dois tipos de estudos.

Com esse convite ao debate, a FMSH pode reconquistar a liderança da comunidade científica internacional. Cabe às associações congêneres de outros países – no caso brasileiro, a Anpocs, a ANPUH, a ABA, a SBS, a SBCP – responder a esse chamado. No site da FMSH e em sua página no Facebook, as numerosas instâncias de colaboração que se oferecem em todos os níveis e em todas as áreas das Ciências Sociais são um estímulo à participação. O lugar do Brasil ali precisa ser reforçado, especialmente num momento em que sua situação econômica privilegiada e seu crescente prestígio internacional lhe garantiriam uma acolhida calorosa. As questões que estão sendo debatidas na FMSH nos dizem respeito e hoje podemos contribuir com nossa experiência, pois, como disse Wieviorka (citando Eisensadt), a Europa começa a realmente descobrir que não existe só uma forma de modernidade, existem “múltiplas modernidades”. É preciso confrontar o *status quo* com outras possibilidades, levando em conta a contribuição, mas também os erros de um sistema que, a partir do Ocidente, vem ditando os destinos do resto do mundo.

* TITULAR DA CÁTEDRA SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA/FONDATION MAISON DES SCIENCES DE L'HOMME, É HISTORIADORA DA CASA DE RUI BARBOSA, NO RIO DE JANEIRO

A cana vai voltar a crescer?

* FABIO MENECHIN E ANDRÉ NASSAR

O setor sucroenergético voltou às manchetes com as recentes medidas anunciadas pelo governo federal. Alguma atenção tem sido dada também ao setor por causa dos déficits de caixa enfrentados pela Petrobrás, fruto da crescente importação de gasolina. Estamos no início da safra 2013/14 de cana-de-açúcar, momento ideal para se fazer um balanço do que vem pela frente esse ano.

De 2007 a 2012, 41 usinas deixaram de moer cana e produzir açúcar e etanol e mais 12 poderão parar nesta safra. A informação assusta não só leigos no assunto, mas também os analistas mais experientes do setor. Mas é preciso compreender de maneira mais clara esse problema e ver que ele é a consequência de um ciclo que se encerra.

Nas safras 2007/08 e 2008/09, o setor sucroenergético brasileiro operou com rentabilidades negativas em razão dos baixos preços do açúcar e do etanol. E já é de conhecimento geral que a crise financeira mundial, que estourou em setembro de 2008, minou o crédito dos bancos. Naquele momento boa parte do setor vinha com elevadas taxas de endividamento em função de novos investimentos, sobretudo em áreas de cana-de-açúcar e usinas novas. A combinação de margens negativas e escassez de crédito, num setor que vinha sendo custeado por crédito, levou à forte redução da taxa de renovação dos canaviais, elevando sua idade média, e dos tratamentos culturais. Tudo isso se refletiu nas safras seguintes, com queda da produtividade agrícola e o consequente aumento dos custos relativos.

O setor está voltando a recuperar o fôlego. Após quatro safras marcadas pela produtividade em queda e pouca competitividade do etanol, ele sobreviveu até o ano passado por causa dos preços mais elevados do açúcar. Como se não bastasse, coube ao governo federal tomar decisões que tiraram toda a atratividade para novos investimentos de um setor já bastante combatido, como a redução da mistura de etanol anidro de 25% para 20%, que vigorou entre abril de 2011 e abril de 2013,

e a retirada de impostos da gasolina, que beneficiou o consumo do combustível fóssil.

Analisando as usinas que encerraram as atividades, nota-se que a maioria é composta por plantas de pequeno porte, antigas e altamente dependentes do etanol hidratado. E também que várias delas têm como vizinhos grandes grupos que nos últimos anos se tornaram mais fortes com aportes de capital de petrolíferas, *tradings* e até grandes construtoras. A rigor, o fechamento das usinas que financeiramente não tinham mais alternativas levou a uma transferência de cana-de-açúcar para usinas maiores e mais eficientes, num movimento natural de acomodação e consolidação do mercado.

Mesmo com o fechamento dessas unidades, a área plantada de cana-de-açúcar nunca deixou de crescer (4,8% ao ano de 2007 a 2012). O que, sim, foi ajustado na marra foi a moagem de cana, dada a queda na produtividade – mais de 10% em 2011.

O crédito começou a voltar em 2010 e os grupos mais estruturados puderam reerguer-se e consolidar outros menores. Na safra 2012/13 o setor efetivamente começou a recuperar-se do forte tombo. Linhas de crédito do BNDES para renovação

O setor sucroenergético brasileiro ainda carece de maior segurança para tornar a investir

dos canaviais, os elevados preços do açúcar e o mercado norte-americano de etanol aberto estimularam uma recuperação das margens, com melhor produtividade média dos canaviais, e o Brasil voltou a ser grande exportador de etanol. Embora os preços atuais do açúcar não estejam convidativos, 2012 pode ter sido o último ano do ciclo da recente crise do setor sucroenergético.

A volta da mistura de 25% de etanol anidro na gasolina pode soar como medida paliativa. Mas é essencial para elevar a demanda doméstica de etanol em 2 bilhões de litros, equivalentes a 25 milhões de toneladas de cana ou 310 mil hectares, e ainda dá um alívio no caixa da Petrobrás, reduzindo a necessi-

dade de importação de gasolina. Tal medida também representa um faturamento de R\$ 2,43 bilhões a mais para as empresas do setor. Não deixa, no entanto, de ser paliativa porque é insuficiente para recuperar a rentabilidade do setor na safra em início.

Para estimular o etanol hidratado e reduzir as perdas da Petrobrás o governo iniciou, após oito anos, o processo de correção de preços da gasolina ao consumidor. O aumento de 6,6% concedido em fevereiro foi tímido se comparado aos 23% da defasagem internacional registrada no início do ano, mas o setor encarou-o como um bom começo.

O setor ainda carece de maior segurança para voltar a investir. Falta uma definição mais objetiva da participação do etanol na matriz energética do futuro: se ele será um mero carburante misturado à gasolina ou se abastecerá diretamente os motores de ciclo Otto. A novidade, embora tardia, é a isenção integral do PIS/Cofins (R\$ 0,12/litro), que poderá auxiliar na retomada da competitividade do etanol hidratado nos principais Estados consumidores. É um alívio, vai dar fôlego à renovação dos canaviais e à expansão dos projetos já construídos, mas é claramente insuficiente para atrair investimentos em novas usinas.

Não são muitas as alternativas para criar as condições necessárias para que um novo ciclo de crescimento ocorra. Todas elas precisam ser pensadas e implementadas nesta safra, uma vez que a moagem de cana já utilizará cerca de 90% da capacidade instalada disponível. A primeira é a adoção de medidas para dar maior transparência à formação de preços da gasolina, tanto na refinaria quanto ao consumidor. Um sistema de mercado livre ou baseado em bandas ou médias móveis seria um grande avanço. A segunda é uma explícita diferenciação tributária entre o etanol e a gasolina, que garanta ao menos a diferença energética entre os dois produtos em favor do biocombustível.

* CONSULTORES DA PLATAFORMA AGRO. SITE: WWW.PLATAFORMAAGRO.COM.BR